

15-07-2020

Os idiotas do Leblon cá estão no Algarve

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Como já estive a explicar-me por aqui, nem creio, por céus, que necessito de tão desajuizado exagero, mas faço-o.

Em Algarve moro e em Leblon já estive. Por força de minha liga genética com a avó Fifa (Josefina), Brasil é de minha esfera de interesse académico e, por além do mais, das paixões. Lembro-me sempre, ainda jovem, a surfar em Peniche, Arrifana, Cabedelo e outras marés lusitanas que, entre uma e lá outra surfada, nos intervalos, ora por vezes vinham de lá as piadas de brasileiros. Nunca as compartilhava por me sentir um pouco retratado pelo tanto de sangue em minhas veias que, a depender do chiste, poderiam inflar em demasia. Mas, divertia-me, mesmo assim, e como pensador surfista como me chamavam os camaradas d'antão, dizia-lhes que, a par dos menoscabos, o Brasil tinha lá suas praias inigualáveis para o esporte que honrávamos apaixonadamente. Falava-lhes eu das praias de Santa Catarina, onde o sotaque aporuguesado lembrava o das elites lisboetas dos tempos de Salazar (o ditador), das praias de São Paulo e da Província de Pernambuco, mas especialmente falava-lhes eu das praias de Saquarema, na província do Rio de Janeiro, e da do Leblon, em plena capital provincial. A do Leblon, falava-lhes, menos por suas qualidades surfáveis do que pela minha afinidade afetiva. Ainda menino eu estivera lá hospedado por escassos 30 dias na casa de um sobrinho terciário de minha avó, do qual já fiz um tamanco das tripas mas não me recordo seu nome. Sei que levava-me à praia todos os dias. Talvez de lá venha minha paixão pelo mar.

Nunca saberei. Claro está que meus convivas dos anos jovens não criam que em terras e mares brasileiros haveriam ondas como em Portugal. Tinham lá uma certa razão, mas para infundir-lhes a dúvida eu sempre afirmava que em terras brasileiras não havia algo como as ondas de Nazaré, mas que por lá havia algo mágico como no mar da Bahia, província caminhando ao norte... Perguntavam-me se lá se surfava. Dizia-lhes eu que lá nunca tinha estado mas havia lido algumas coisas romanceadas de Jorge Amado, um escriba brasileiro que de lá, do mar Bahia, tinha saído e sido recebido em vários portos literários do mundo.

Mas, todavia, pois, minhas grandes lembranças pousavam no Leblon, saio agora de minhas lembranças juvenis para adentrar-me no tempo presente, muitos e tantos anos depois. É necessário relembrar-vos que da última vez que por cá passei falava eu sobre a comemoração de vosso presidente Messias Bolsonaro pelos 10 mil mortos de Covid-19. Fê-lo andando de jet-ski. Lembrei-vos do fato de que o artefato presidencial era um salvador de vidas....

...nas ondas de Nazaré. Pois agora, 50 dias após a saga assassina de vosso presidente, deve lá estar em seu palácio a encher-se de júbilo, já que vão para lá dos 70 mil pelo Covid-19 os corpos a serem endereçados aos covéis brasileiros... pobres operários da morte... talvez os maiores assassinados pelo infortúnio de seu ofício. De cá do Algarve vejo com perplexidade e espanto a sanha desgraçada, pois, por aqui, os brasileiros que ao fortuito do azar volta e meia encontro, em sua grande maioria tecem loas ao vosso presidente. Chamam-no de mito e invocam a família e Jesus. E que à distância, torcem por um Brasil acima de tudo e Deus acima de todos, sem contudo explicar porque continuam por aqui, do outro lado do grande lago atlântico, com suas abastanças mal justificadas e suas arrogâncias odiosas. Ora, logo eu, um 'portuga' (como gostáveis de me chamar) abrasilizado, desencantado com os brasileiros aporuguesados cá no Algarve. Confesso que pensei com meus botões que devia estar eu a arrepender-me por infame xenofobia, justo contra brasileiros, cujo sangue cruza com o meu há séculos. E, mais ainda, renovado há duas gerações pela graça de minha avó brasileira. Talvez eu devesse circular mais pelos becos do Algarve, procurar brasileiros desgarrados, perambulantes desiludidos. Mas como me chegar a eles se eu não saberia dizer se brasileiros são e, pior, se tivessem a mesma opinião do governo de seu país distante? Ou talvez parar nas cirandas de conversa da Universidade, buscando alunos brasileiros que, quem sabe, soubessem do que estavam fazendo de seu país? Perdido nesses pensamentos, eis que me chega a notícia dos idiotas do Leblon. Do mesmo local onde eu houvera aprendido a amar o mar. Pois que no Leblon, ao tempo em que a curva de mortos subia para desespero dos covéis e seus braços extenuados, bípedes se aglomeravam para confrontar as tentativas de manter o isolamento social. Lá no Leblon, embora não fosse só lá a afronta ignominiosa, riam-se os bípedes citados de vós que se mantêm em reclusão respeitosa com os mortos e aqueles que ainda virão a sê-lo. Imaginem a tristeza profunda que me assombrou ao mirar as falas, as selfies, as palavras debochadas, os vídeos com vozes funestas ao fundo. Pensei em parar de ver os idiotas do Leblon em sua desafiadora atitude de ridicularizar a pandemia para, assim, escarrar na alma dos mortos e de suas famílias, mas fui em frente. Encontrei na internet outras variáveis de idiotas, nas demais províncias brasileiras e, por isso, de certo modo me reconciliei com o Leblon. O problema não estava no Leblon. Mais calmo, levei essas notícias para alguns amigos, colegas da universidade, compatriotas, que do Brasil só sabem que fica do outro lado do grande lago. Meu assunto sobre a pandemia no Brasil não era bem-vinda. Nem para os meus camaradas surfistas d'antão. Lá, vez ou outra, uma opinião. Computadas as opiniões, chegou-me a conclusão: os idiotas do Leblon estão por aqui, também, no Algarve.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.